

## EDITORIAL

Não se pode falar em desenvolvimento sem se falar em saúde, assim como não se pode falar em saúde sem se falar em família. Daí a importância do estudo de temas relacionados à família, especialmente aqueles que tratem da saúde da família e da saúde de seus membros sadios ou enfermos, dentre eles, as suas crianças e os seus idosos. Neste aspecto, a enfermagem é uma profissão que mais e mais vem se destacando no cenário nacional, dando mostras de sua vocação de prestar cuidados à saúde das pessoas. Em consonância às políticas públicas de saúde, vem dedicando-se à produção e divulgação de conhecimentos não só sobre formas de cuidar, mas de reorganizar a própria prática de atenção à saúde, em substituição ao modelo institucional tradicional de cuidar. Busca, assim, melhorar a qualidade de vida da população, aproximando-se das famílias e dando acesso e cobertura à saúde de seus membros, especialmente por meio da implementação do Programa de Saúde da Família – PSF. Neste número, a Revista Família, Saúde e Desenvolvimento, acompanhando a tendência dos tempos atuais, cujas políticas públicas de saúde preconizadas pelo governo brasileiro vêm priorizando o cuidado inter e multidisciplinar à saúde da família, apresenta uma concentração em textos voltados a esta temática. Portanto, mostram-se pertinentes os estudos que desvelam a realidade vivenciada pelos enfermeiros no PSF, ao procurarem atender as necessidades básicas das famílias, por meio de ações eficientes, de alta resolutividade e baixo custo, bem como a arte de cuidar em enfermagem familiar na perspectiva autopoléctica que, ao exercer influência na epistemologia, educação e pesquisa em enfermagem, pode contribuir para a otimização do trabalho com novas formas de fazer, substituindo métodos estruturados de ensino por métodos criativos e libertadores, com vistas ao equilíbrio e complementação da criação quantitativa com a criação qualitativa do conhecimento. Por sua vez, a representação social do vínculo familiar, sob a ótica do idoso, pode facilitar ou não a convivência familiar e a passagem tranqüila por essa etapa do ciclo vital, na qual a família desponta como uma formação humana indispensável, embora constantemente em crise, cujo conceito extrapola os laços de consangüinidade. Em relação à comunicação familiar, esta aparece como elemento de manutenção da saúde mental de seus membros, levando-se em consideração a atual incidência da depressão e o reconhecimento da importância das relações interpessoais na prevenção de seu surgimento. Em relação às orientações e à educação para a saúde, ênfase deve ser dada à alimentação, especialmente a do pré-escolar, em que dificuldades e atitudes errôneas em relação ao atendimento das necessidades nutricionais durante essa fase do ciclo vital requerem atenção especial e trabalho conjunto entre profissionais da saúde, educadores e famílias, assim como a atenção à saúde bucal, buscando identificar as principais causas de cáries na dentição decídua, relacionado a padrões familiares e culturais. Por fim, no potencial do PSF na atenção às famílias de doentes mentais, destacam-se as possibilidades de atenção da equipe multidisciplinar às famílias que convivem com esta problemática, com vistas à inclusão do doente mental na comunidade.

*Wilson Danilo Lunardi Filho*

Enfermeiro, Professor Adjunto IV do  
Departamento de Enfermagem da Fundação Universidade  
Federal do Rio Grande – FURG, Doutor em Enfermagem